



19/4/2010

Dona Cleo ou a beleza que não tem idade



Maria Clara Bingemer, teóloga, professora da PUC-Rio.

Chovia torrencialmente no Rio de Janeiro no último dia 5 de abril, uma segunda-feira. Cheguei em casa com dificuldade e saí após a façanha de conseguir um táxi. Depois de vencer rios, enxurradas, lamaçais e correntezas, aportei na Academia Brasileira de Letras, subindo degraus infundáveis, levantando o vestido longo e molhando os sapatos.

A ocasião merecia. Tratava-se de homenagear a queridíssima e mais que admirada Dona Cléo, ou mais solenemente, a Professora Cleonice Seroa da Mota Berardinelli, 93 anos, que naquela noite era declarada imortal das letras brasileiras. A sala cheia testemunhava o bem querer de que desfrutava a nova acadêmica.

Quando cheguei ela já proferia seu discurso. Esqueci a chuva, a tempestade, o esforço, tudo. Na sala grande e solene do Petit Trianon só havia a voz melodiosa e suave de Cleonice.

Toda a audiência, silenciosa, em suspenso, acompanhava o voo leve e harmonioso de sua fala. As palavras ajejavam, graciosas e ágeis, pronunciadas no diapasão exato, no tom adequado, com a modulação perfeita. E quando ao final, ela contou a “pequena história” de seu primeiro encontro com o poeta Alberto de Campos, primeiro a ocupar a cadeira que agora era a sua na Academia, podiam-se ouvir suspiros de encantamento.

Ouvindo Dona Cléo, eu pensava que já não se fazem mulheres como antes, grandes damas, elegantes, de uma beleza que desafia o tempo e vai se tornando mais intensa e profunda à medida que ele passa. Já não se fazem mais professoras como ela, mestras de várias gerações, que não apenas despejam conteúdos sobre os alunos, mas os acompanham com desvelo maternal, formando-os para a vida. O testemunho do acadêmico Afonso Arinos, encarregado de saudá-la, deu disso comovente testemunho.

Mas sobretudo, ouvindo e contemplando Dona Cléo, sua figura esbelta e elegante, seus olhinhos azuis vivíssimos, seus cabelos brancos impecáveis, o sorriso adorável. Trata-se de uma beleza que vem de dentro para fora, irradiando a partir de uma chama interior que transborda corpo afora o que vai alma adentro.

E o que vai alma adentro é muita paixão pelo conhecimento, pela aprendizagem e pelo ofício de ensinar. É muito amor pelos discípulos e pelos livros nos quais aprenderão aquilo que ela um dia aprendeu e agora lhes transmite. É uma naturalidade no viver distribuindo graça, delicadeza, sabedoria e amabilidade.

E é sobretudo não apostar no que envelhece e estraga, mas sim no que desabrocha e floresce. É sempre dar-se toda às novas gerações que chegam sedentas de mergulhar no saber.

Naquela noite chuvosa Dona Cléo brilhava, iluminada. E sua beleza não tinha idade. Sua voz era jovem e delicada, seu sorriso alegre e divertido. Na contramão da cultura do silicone e do botox, Dona Cléo a todos ensinava o segredo da imortalidade: apostar no que não passa e cultivar o espírito. Obrigada, cara mestra!

Maria Clara Bingemer é autora de "Deus amor: graça que habita em nós" (Editora Paulinas), www.users.rdc.puc-rio.br/agape



imprimir

Fechar